

SANATÓRIO DOMINGOS FREIRE (BELÉM-PA): UM BELO EDIFÍCIO VARRIDO DE AR E LUZ OU ANTECÂMARA DA MORTE?

Cybelle Salvador Miranda¹

Livia Gaby Costa²

Resumo: este artigo analisa a relação entre a higienização de Belém, e a construção do primeiro sanatório da capital, Sanatório Domingos Freire, inaugurado em 1900. Este equipamento congrega as ações de setorização da cidade modernizada em função da dinâmica proporcionada pela exportação da borracha. Do ponto de vista arquitetônico, a construção situa-se afastada do acesso principal; setorizada rigidamente entre espaços do limpo e do sujo, bem como entre os sexos, princípios compartilhados com outros sanatórios coetâneos no Brasil e em Portugal. Ao percorrer periódicos da época, depreende-se que, a despeito do discurso terapêutico que alude aos avanços da ciência moderna, o sanatório é visto de modo recorrente como local que condena à morte aqueles que para lá são conduzidos.

Palavras-chave: Sanatórios; higienismo; Belém-PA.

DOMINGOS FREIRE SANATORIUM (BELÉM-PA): A BEAUTIFUL BUILDING SWEPT BY AIR AND LIGHT OR VESTIBULE OF DEATH?

Abstract: his article analyzes the relationship between the sanitation of Belém and the construction of the first sanatorium of the capital, Domingos Freire Sanatorium, inaugurated in 1900. This equipment brings together the actions of the modernized city sectorization in function of the dynamics of rubber exports. From the architectural point of view, the construction is located away from the main access; rigidly segmented between clean and dirty spaces, as well as between the sexes, principles shared with other contemporary sanitariums in Brazil and Portugal. In reviewing periodicals of the time, it appears that, in spite of the therapeutic discourse that alludes to the advances of modern science, the sanatorium is seen in a recurrent way as a place that condemns to death those who are led there.

Keyword: sanatorium; sanitation; Belém-PA.

¹ Arquiteta e Urbanista e Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, possui Pós-doutoramento em História da Arte pela Universidade de Lisboa. Coordena o Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO) da Universidade Federal do Pará e é docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), Belém, Pará, Brasil. (<http://lattes.cnpq.br/3254198738703536>). E-mail: cybelle1974@hotmail.com.

² Arquiteta e Urbanista e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará. Professora substituta do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins. (<http://lattes.cnpq.br/6873653055942650>). E-mail: livia.gaby.costa@outlook.com

As epidemias: efeitos adversos do progresso

O entendimento dos edifícios assistenciais como bens patrimoniais é recente, compõe a necessidade de identificação desses bens e acervos, em decorrência da carência dos setores assistenciais do sistema público e privado de medicina na atualidade³. As pesquisas atuais em torno desses ambientes vêm mostrando-os como importante “receptáculo de memória e da história da cidade, da medicina, da assistência e mesmo da Arquitetura, como objeto que nos ensina sobre os modos de pensar e viver das gerações passadas”⁴, apesar dos apagamentos materiais e o calar das fontes documentais em relação a inúmeras instituições.

O presente artigo objetiva compreender um exemplar silenciado, o Sanatório Domingos Freire que se apresenta como importante documento da cidade de Belém, na virada do século XIX para o XX. Da nomeada “Belém da Belle Epoque”, que transita do abandono, no início do século, à modernidade em meados de 1900⁵. Modernidade que se apresentaria no urbanismo sanitarista e na construção do sanatório, como “terapia” ao perigo social que os inaptos ao período áureo representavam. Segregar o limpo e sujo, o moderno e o marginal, a burguesia e a pobreza, em espaços periféricos da capital, sob o discurso de cura do “bello edifício varrido de ar

³ MIRANDA, Cybelle Salvador; GRILLO, Fernando Jorge Arthur; PINHO, Joana Maria Balsa Carvalho de. Classicismo nos hospitais da misericórdia e da beneficência na segunda metade do século XIX: trânsito entre Brasil e Portugal. *Artis on*, v. 1, 2015, p. 231-237.

⁴ MIRANDA, Cybelle Salvador; MONTEIRO, Maria Rocha. Arquitetura assistencial e saúde: discutindo concepções e protagonistas. In: *IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo*, Porto Alegre, 25 e 29 de junho 2016, p. 16.

⁵ PENTEADO, Antônio Rocha. *Estudo de Geografia Urbana*. 1ª volume, Belém: UFPA, 1968.

e de luz, amplo, confortável e elegante”⁶, que será tido efetivamente como antecâmara da morte.

A manchete do “bello edifício” estampava as páginas de notícia do jornal paraense “A Província do Pará” no dia 29 de abril de 1900, inauguração do sanatório⁷. O Sanatório Domingos Freire comporia um dos espaços do Hospital de Isolamento da cidade de Belém, cuja construção é aprovada em 1894, pela Lei Estadual nº 203, e a obra, iniciada em 1895, apresentaria:

edifícios especiais para varíola, febre amarela, febre thyphoide, a differia e a tuberculose, tendo além disso casas em separado, para a administração, para o medico, para a observação dos casos suspeitos, para convalescentes, pharmacia, desinfectorio, lavanderia a vapor, necrotério, etc ⁸.

Entretanto, o projeto, quando finalizado, em 1899, passou por alterações. O primeiro prédio construído, o Sanatório Domingos Freire, atenderia, a princípio, os doentes de varíola. No entanto, na virada do século, a cidade de Belém sofreu com epidemia de febre amarela e a instituição passa a dedicar-se ao atendimento primordial do momento, os “amarelíticos”⁹.

Os surtos epidêmicos ocorrem na virada do século XIX para XX, momento em que a capital paraense se encontrava no auge da exploração gomífera, tornando-se o maior porto de escoamento da borracha. A grande movimentação de pessoas e mercadorias nos portos de Belém favorece a entrada de diversas epidemias e, nos anos subsequentes, há surtos de

⁶ REVISTA PARÁ-MÉDICO. Edifícios Sanitários em Belém. Hospital de Isolamento Domingos Freire. *Revista Pará-Médico*, abr. 1901, s.p.

⁷ REVISTA PARÁ-MÉDICO. Edifícios Sanitários em Belém. Hospital de Isolamento Domingos Freire. *Revista Pará-Médico*, abr. 1901, s.p.

⁸ GODINHO, João. Hospital de isolamento. *Revista Pará-Médico*. Belém, dez. 1900, p. 39.

⁹ CARDOSO, Eleyson; BRITTO, Rubens da Silva. *A febre amarela no Pará*. Belém: SUDAM, 1973.

variola, cólera e febre amarela que dizimam grande parte da população¹⁰, como podemos ver na tabela abaixo, que representa a mortalidade dessas doenças entre os anos de 1850 a 1905:

Tabela 1: Tabela de mortalidade da febre amarela, cólera e variola entre os anos de 1850 a 1905.

Mortos pela febre amarela	5.007
Mortos pela cólera-mórbus	1.052
Mortos pela variola	5.299
Total	11.358

Fonte: Arthur Vianna, 1975, adaptada pela autora, 2019.

O crescimento da cidade acentuou a segregação dos migrantes e população mais pobre em áreas não urbanizadas, enquanto as medidas embelezadoras da Intendência de Antonio Lemos abrangia as áreas centrais da cidade, atendendo às demandas da burguesia em ascensão¹¹, assim como implementar medidas para contenção do avanço dessas epidemias que assolavam a região:

De acordo com a teoria da infecção, enquadraram-se as políticas de embelezamento e limpeza das áreas centrais da cidade, além de inspeções sanitárias nas habitações. Já no sentido da teoria do

¹⁰ BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará*. Junho 1999. 246f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1999.

¹¹ SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. *Memórias do "velho" intendente: Antonio Lemos, 1869-1973*. 5 nov. 1998. 304f. Tese (Doutorado em História Social do Trabalho). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

contágio, práticas como cordões sanitários, quarentenas e lazaretos eram estabelecidas¹².

O intendente Antônio Lemos, que administra a cidade entre os anos de 1897 a 1911, foi a figura pública responsável por distintas medidas que embelezam e ordenam o espaço urbano, alterando o traçado da capital e a vida da comunidade, na procura por tornar a cidade símbolo de modernidade da Amazônia, a “Paris n’América”¹³.

Aderir às normas morais que permitissem alcançar a “prosperidade” dos “países cultos”, exigia adoção de soluções aos problemas de higiene pública por meio da implementação do urbanismo sanitário¹⁴. Mediante essas questões, procurando tornar Belém uma cidade compatível com o papel que desempenhava economicamente, Lemos impõe mudanças à procura da elitização do espaço urbano¹⁵.

A modernização da cidade e a complementaridade dos espaços centrais e periféricos

A cidade de Belém se expande então prioritariamente nesse período. Até meados do século XVIII eram ocupadas as margens dos rios, visto que o terreno belenense, de inúmeras áreas pantanosas e de floresta densa, limitava o crescimento e ocupação da cidade. No século XIX, a favorável situação econômica, e a procura pelo progresso na governança do

¹² MIRANDA, Cybelle Salvador et al. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.22, n.2, Rio de Janeiro, abr.-jun. 2015, p.530.

¹³ MIRANDA, Cybelle Salvador et al. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.22, n.2, Rio de Janeiro, abr.-jun. 2015, p.525-539.

¹⁴ CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 288.

¹⁵ TRINDADE JUNIOR, Saint Clair. *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém*. Belém: UFPA/NAEA/PLADES, 1997, p. 180.

intendente, viabilizam a expansão urbana, potencializada desde 1803 pelo aterramento do Piri, e em 1839, pela ligação entre os bairros da Cidade Velha e Campina, propiciando a ocupação dos bairros de Nazaré e Batista Campos¹⁶.

O processo mais drástico de interiorização da capital paraense se dá então no “boom” da borracha, entre os anos de 1850 e 1920, devido a viabilização, em 1899, da expansão da cidade a uma nova zona, na direção da Estrada Belém-Bragança (a atual Avenida Almirante Barroso), sentido norte do território, onde Lemos propunha configurar um dos bairros mais bonitos e elegantes da cidade de Belém¹⁷.

A renovação estética da cidade, e a consequente elitização do espaço urbano ocorre em áreas privilegiadas que se davam ao longo de terrenos mais altos, e os setores populares são redistribuídos em áreas afastadas do centro urbano, passíveis de ocupação devido as mencionadas mudanças. A reformulação do traçado, tratamento de praças e jardins e implementação de medidas higiênico-sanitaristas que buscavam neutralizar espaços insalubres, permitiu traçar Belém aos moldes da Belle époque, a idade de ouro da burguesia¹⁸.

A Belle époque que a cidade experimentou era:

(...) elitista e elitizante, discricionária e excludente, tratando-se da invenção e da viabilização de um espaço urbano reflexivo das práticas culturais e dos costumes de uma ideologia burguesa transnacionalizada, tornada hegemônica pelos processos de mundialização do capitalismo industrial¹⁹.

¹⁶PENTEADO, Antônio Rocha. *Estudo de Geografia Urbana*. 1ª volume, Belém: UFPA, 1968, p. 183.

¹⁷ SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. *Memórias do “velho” intendente: Antonio Lemos, 1869-1973*. 5 nov. 1998. 304f. Tese (Doutorado em História Social do Trabalho). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

¹⁸TRINDADE JUNIOR, Saint Clair. *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém*. Belém: UFPA/NAEA/PLADES, 1997, p. 180.

¹⁹ COELHO, Geraldo Mártires. *No coração do povo. O monumento à República em Belém 1891-1897*. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 28.

As mudanças abrangiam mais que melhoramentos urbanos como aterramento das áreas baixas, construção de redes de esgoto, de água, coleta de lixo e drenagem de áreas pantanosas (Trindade Jr, 1997). Chegavam à vida social. A constante busca por padrões franceses, impunha mudanças na dinâmica social paraense: por meio de Posturas Municipais, as camadas marginalizadas da sociedade viram seus hábitos e costumes serem rigorosamente punidos, por não estarem aptos ao novo padrão da moderna cidade amazônica²⁰.

As novas leis e códigos de Posturas Municipais disciplinaram o espaço da cidade e os hábitos da população. Antônio Lemos criou o Departamento Sanitário Municipal, que atuava na fiscalização sanitária para prevenção de doenças e epidemias²¹. Excluiu-se as camadas marginalizadas e os doentes, medicalizando os lugares considerados perigosos e insalubres, sendo esses, os mais suscetíveis ao contágio de epidemias e, por isso, os primeiros a representarem uma ameaça²².

Ameaça essa enraizada pela medicina social e as concepções positivas da ciência que difundiram, a partir de 1875, a pobreza como a responsável pela degeneração do proletariado. A camada marginalizada se torna um perigo social, e os intelectuais-médicos difundem a ideia de que os hábitos dos pobres são nocivos à sociedade. Habitações coletivas sujas, propícias à proliferação de moléstias e de inúmeros vícios não condizentes a

²⁰COSTA, Magda Nazaré Pereira. *Caridade e saúde pública em tempos de epidemias: Belém, 1850-1890*. 2006. 103f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

²¹ SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. *Memórias do "velho" intendente: Antonio Lemos, 1869-1973*. 5 nov. 1998. 304f. Tese (Doutorado em História Social do Trabalho). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

²²COSTA, Magda Nazaré Pereira. *Caridade e saúde pública em tempos de epidemias: Belém, 1850-1890*. 2006. 103f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

sociedade moderna passam a ser controladas, segregadas, punidas e vigiadas²³.

A cidade foi dividida em distritos sanitários e Antônio Lemos incumbiu os médicos municipais a vacinar a população, assim como a visitar os domicílios rigorosamente, inspecionando as casas quanto à higiene e iluminação, proibindo aglomerações nos domicílios e determinando o fechamento e demolição dos cortiços de Belém:

Lemos tinha clareza de que a cidade real impunha muitos riscos. Era preciso ampliar esse projeto de limpeza do espaço urbano, conduzindo uma campanha contra os cortiços, por considerá-los perigosos à saúde pública (...) Cabe assinalar que os cortiços eram considerados ameaçadores não somente pelas péssimas condições sanitárias, mas também pelas desordens que ocorriam nesses locais, atrapalhando a ação moralizadora do poder público ²⁴.

Os bairros periféricos foram selecionados para localizar a pobreza, a indigência, os doentes, e, conseqüentemente, os hospitais de doenças infectocontagiosas. “Portanto havia toda uma cidade miserável e incômoda colocada à margem dos ideais progressistas” ²⁵. As instituições de assistência, administradas em sua maioria pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, apresentavam três núcleos, que se relacionavam a origem e

²³ CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 288.

²⁴ SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. *Memórias do “velho” intendente: Antonio Lemos, 1869-1973*. 5 nov. 1998. 152p-153p. Tese (Doutorado em História Social do Trabalho). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

²⁵ ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. *O vírus e a cidade: rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918)*. 2018. 214f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018, p. 94.

localização dos nosocômios, dividindo-se em núcleo “Pioneiro”, da “Santa casa” e de “Expansão”²⁶.

O “Núcleo Pioneiro” é identificado no setor que abrange o núcleo inicial de Belém em 1616, que compreendia o Forte do Presépio e as primeiras ruas da capital, assim como construiu-se no local o primeiro nosocômio em alvenaria do Pará²⁷.

O “Núcleo da Santa Casa” faz referência à influência dessa instituição sobre as demais instituições do entorno local. Região de hospitais tradicionais que ocupavam uma área valorizada “enquanto os asilos destinados a tratar doentes contagiosos situavam-se afastados desse núcleo inicial”²⁸, no chamado “Núcleo de Expansão”.

Os hospitais e asilos aos segregados foram construídos nas áreas baixas de Belém, espaços distantes das centralidades mencionadas anteriormente. Áreas até então pouco habitadas e de infraestrutura praticamente inexistente, que foram ocupadas para instalar sanatórios, leprosários e asilos. Regiões como o Tucunduba, escolhido para locar o Hospital de Isolamento da capital paraense²⁹.

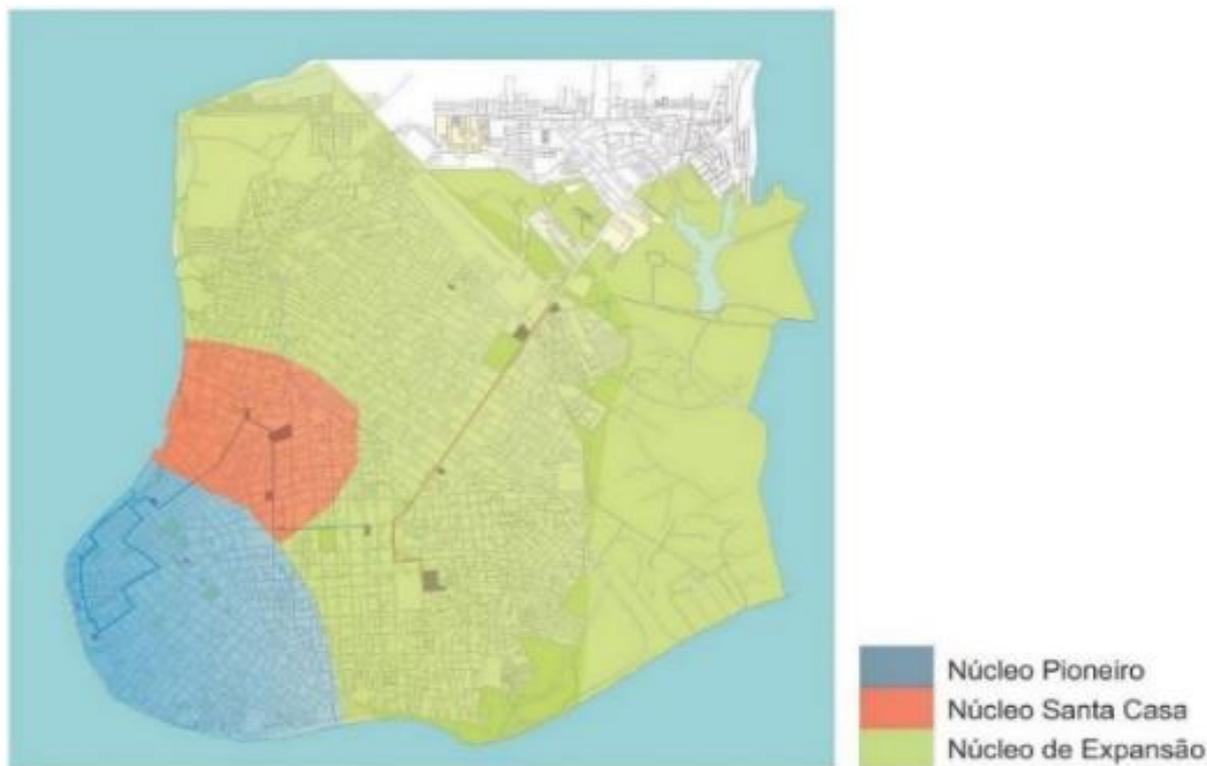
²⁶ MIRANDA, Cybelle Salvador *et al.* Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.22, n.2, Rio de Janeiro, abr.-jun. 2015, p.525-539.

²⁷ VIANNA, Arthur. *As epidemias no Pará*. 2 ed., Belém: UFPA, 1975, p. 157.

²⁸ MIRANDA, Cybelle Salvador *et al.* Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.22, n.2, Rio de Janeiro, abr.-jun. 2015, p. 534.

²⁹ MIRANDA, Cybelle Salvador *et al.* Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.22, n.2, Rio de Janeiro, abr.-jun. 2015, p.525-539.

Figura 1: Mapa de Belém, ilustrando os Núcleos Pioneiro, da Santa Casa e de Expansão



Fonte: Beltrão, Miranda, Henrique, 2011, editado.

A implantação do Sanatório Domingos Freire

Mapear a locação do Sanatório Domingos Freire, assim como, as instituições implantadas no “Núcleo de Expansão”, auxilia na compreensão da influência desses espaços na ocupação de áreas pouco habitadas da cidade de Belém³⁰. A construção do sanatório na primeira léguas patrimonial da capital permite a abertura de vias de acesso e construção de instalações de assistência a doentes em espaços urbanos desvalorizados, como o

³⁰ MIRANDA, Cybelle Salvador. Hospitais na Belém Oitocentista: classicismo e diálogo entre matrizes luso-brasileiras. In: MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato da Gama-Rosa. *Hospitais e Saúde no Oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2018, p. 223.

Tucunduba, que, devido a implementação desses estabelecimentos, se transformariam e viriam a ser valorizados para posteriormente, serem ocupados³¹.

O bairro do Tucunduba, de cota inferior, foi escolhido como um dos ambientes adequados para construção de diversas instituições de segregação, porque, ainda em meados do século XX, era pouco ocupado, distante do centro urbano, com matas e infraestrutura deficiente³².

No Tucunduba, na travessa Barão de Mamoré, paralela à travessa José Bonifácio, próximo ao cemitério Santa Izabel foi construído o Sanatório Domingos Freire. O terreno foi escolhido, devido sua elevação, solo pedregoso³³ e por ser "situado a considerável distância do centro populoso (...) segregado completamente dos recursos que lhe poderiam proporcionar a vizinhança da cidade"³⁴.

Para implantar o hospital de isolamento no terreno mencionado, foram feitas modificações no bairro. João Pontes de Carvalho, diretor do Hospital Domingos Freire, expõe que ampliou a avenida central que ligava o sanatório à José Bonifácio, abrindo longas e vastas alamedas que amenizaram "o aspecto desagradável que apresentava o hospital, affogado nas sombras espessas da mal cuidada e compacta floresta"³⁵.

Em 1899, foi concluída a primeira edificação do complexo do Hospital de Isolamento, o Sanatório Domingos Freire, a cuja inauguração ocorreu em

³¹ FERREIRA, Carmena Fadul. *Produção do espaço urbano e degradação ambiental: um estudo sobre a várzea do igarapé do Tucunduba*. 1995. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em geografia, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1995.

³² RAMOS, José Messiano Trindade. *Entre dois tempos: um estudo sobre o bairro do Guamá, a escola "Frei Daniel" e seu patrono*. Belém, [s.n.]. 2002, p.76.

³³ GODINHO, João. Hospital de isolamento. *Revista Pará-Médico*. Belém, dez. 1900, p. 39.

³⁴ CARVALHO, Pontes de. Hospital de Isolamento: Domingos Freire. *Revista ParáMédico*, nov. 1900, p. 14.

³⁵ CARVALHO, Pontes de. Hospital de Isolamento: Domingos Freire. *Revista ParáMédico*, nov. 1900, p. 14.

29 de abril de 1900, marcando os anos finais da expansão da economia gomífera, que ascende de 1840 a 1910, e entra em sua fase de declínio de 1910 a 1920 ³⁶.

O projeto do Sanatório Domingos Freire configura ainda um momento favorável à economia paraense, no entanto, nos anos subsequentes, o Governo do Estado enfrentou restrições financeiras que dificultaram a execução de melhorias no sanatório já construído, assim como, de finalização do complexo idealizado no princípio da construção ³⁷.

Por conta disso, constrói-se para variolosos, um "hospital barraca"³⁸, denominado Hospital São Sebastião, locado no mesmo terreno do Hospital Domingos Freire, distante 130 metros deste. O Hospital São Sebastião apresentava edifício com acabamento em madeira, finalizado em três meses, para atendimento imediato dos necessitados. Além dos dois hospitais, posteriormente foi anexado ao complexo o Hospital São Roque, para atendimento da peste bubônica. "À medida que essas endemias foram desaparecendo ou se alterando com outras doenças, esses hospitais iam atendendo diferentes clientelas; dependendo da prioridade do momento" ³⁹.

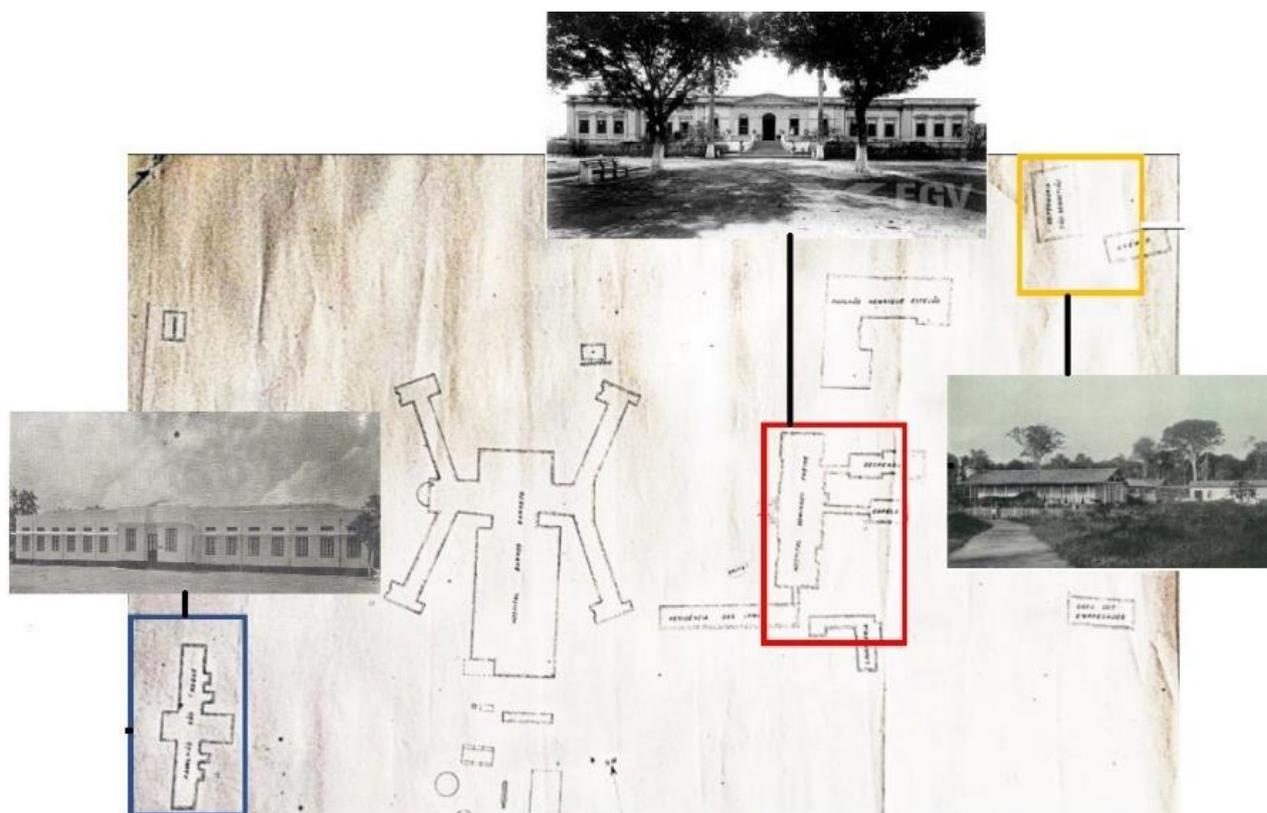
³⁶ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz. 1980, p. 358.

³⁷ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz. 1980, p. 358.

³⁸ Os "hospitais-barracas", ainda que aparentassem ser construções simplistas, apresentavam defensores que consideravam o espaço ideal pois, após o encerramento das epidemias, poderiam ser facilmente demolidos. "Entretanto o caráter provisório do São Sebastião, nunca foi levado em conta, sendo o mesmo demolido somente em 1959, quando já estava mais do que obsoleto". Ver em: A PROVÍNCIA DO PARÁ, 8 nov. 1959. p.8 apud ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. *O vírus e a cidade: rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918)*. 2018. 214f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018, p. 71.

³⁹ ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. *O vírus e a cidade: rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918)*. 2018. 214f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018, p. 72.

Figura 2: Planta do terreno ocupado pelos Hospitais de Isolamento do Tucunduba – Domingos Freire, São Roque e São Sebastião.



Fonte: Planta do Sanatório de Belém, 1959, Acervo do Hospital Universitário João de Barros Barreto adaptado pela autora, 2019.

O Sanatório Domingos Freire marca então a ação do poder público na procura por atingir as normas progressistas higienistas, em um período em que a pujança econômica ainda era auspiciosa à modernização almejada. A arquitetura ideal a essas instituições, se apresentava como testemunho

material do conhecimento médico, que se confundia à moralidade, e não se relacionava a conhecimentos empíricos relevantes⁴⁰.

O desconhecimento quanto aos meios terapêuticos eficazes de combate a doenças infectocontagiosas tornava os hospitais de isolamento espaços segregacionistas e preconceituosos, o que é perceptível na estrutura física das edificações, que materializava o discurso de manutenção da ordem e do pobre como perigo social. A segregação dessas instituições recaía violentamente sobre as classes mais pobres, e as famílias “abastadas” escapavam ao isolamento, permanecendo em seus domicílios⁴¹.

Criava-se então o espaço priorizando o isolamento, ponto primordial para os médicos higienistas da época que acreditavam na segregação como meio de extinção dos patógenos das doenças-infectocontagiosas⁴²:

A criação dos hospitais de isolamento correspondeu a bem orientado impulso dos nossos poderes públicos: esse facto revelou não só a justa compreensão da forma evolutiva dada pela sciencia moderna ao debellamento das molestias infecto-contagiosas, como também deixou patente o ponto de vista alevantando e progressista com que deve ser encarada a solução de tão difficil problema (...) cuja complexidade, a segregação absoluta do individuo infeccionado é imposta como medida de imprescindível rigor⁴³.

Compor o projeto de acordo com os preceitos modernos de assistência, causando uma “boa impressão aos observadores”⁴⁴, foi o intuito

⁴⁰ BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará*. Junho 1999. 246f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1999.

⁴¹ HENRIQUE, Márcio Couto. *Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX)*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.19, supl., Rio de Janeiro, dez. 2012, p.153-177.

⁴² MIRANDA, Aristóteles Guilliod; ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. *Hospital de Isolamento Domingos Freire*. In: *III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva*, São Paulo, 2014.

⁴³ CARVALHO, Pontes de. *Hospital de Isolamento: Domingos Freire*. *Revista ParáMédico*, nov. 1900, p. 13.

⁴⁴ ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. *O vírus e a cidade: rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918)*. 2018. 214f. Tese (Doutorado em História Social da

do sanatório e se vê esse objetivo na composição do edifício, que segue as normas vigentes no período, espaço de estadia, isolamento, e tratamento continuado dos pacientes, sendo inclusive designado como cópia fiel do Sanatório de Estocolmo ⁴⁵:

O programa de um sanatório traz aspectos que aperfeiçoam o hospital de isolamento como ambiente de funções terapêuticas advindas das terapias então utilizadas: parque ou bosque envolvendo a edificação, como agente purificador do ar; área para a implantação de hortas e criação de animais, para suprir as necessidades dos regimes alimentares; distribuição dos vários pavilhões, ligados por passadiços resguardando distâncias mínimas, para garantir a insolação e a ventilação dos edifícios, e varandas que abrigavam os doentes nas horas de insolação, e aeração programada⁴⁶.

A comissão composta por médicos e engenheiros foi a responsável pela escolha do terreno e adequação do projeto, o engenheiro Raymundo Tavares Vianna e os doutores Francisco Marianno de Aguiar, Virgílio Martins Lopes de Mendonça, Henrique Americano Marques Santa Rosa e João José Godinho faziam parte da mesma⁴⁷, e compuseram o Sanatório Domingos Freire com:

(...) dois pavimentos, um inferior, cimentado, ao rez do chão, e outro superior assoalhado. Este último contem quatro salas ou enfermarias, uma maior para 20 leitos e outra menor, para 10 ditos, dispostas symetricamente de cada lado do edificio; as de um lado para adultos e creanças do sexo masculino, e as do outro lado para o

Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018, p. 71.

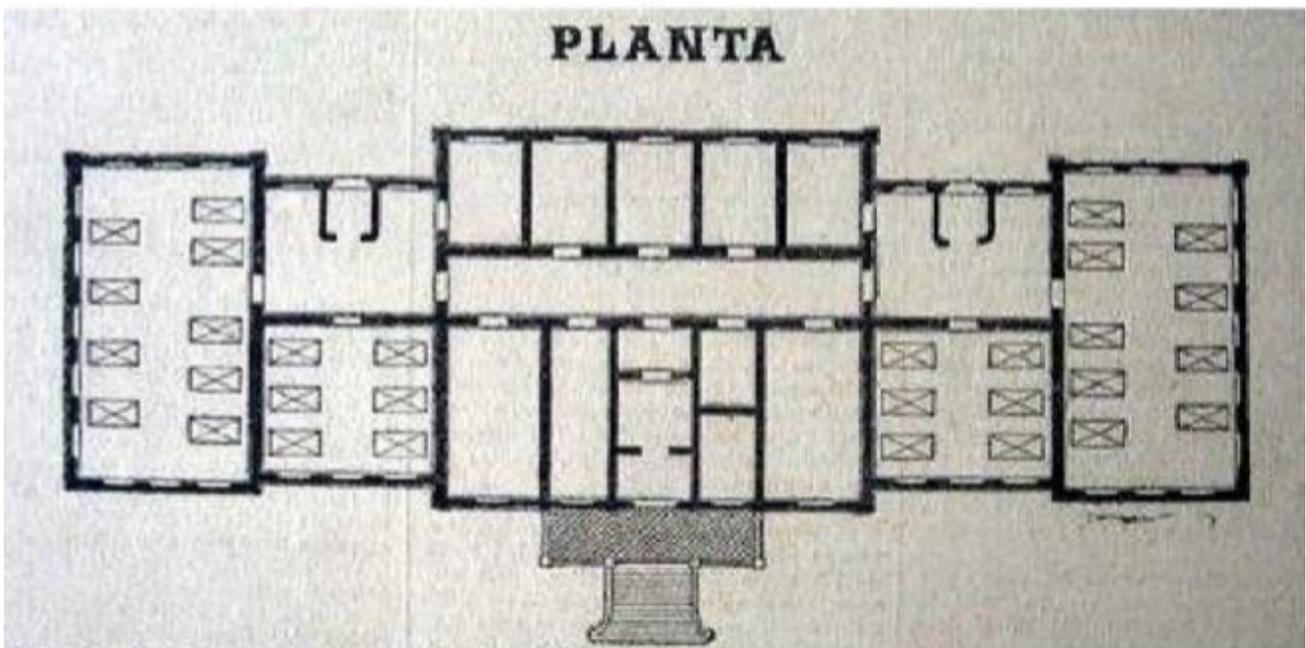
⁴⁵ GODINHO, João. Hospital de isolamento. *Revista Pará-Médico*. Belém, dez. 1900.

⁴⁶ BITTENCOURT, Tania, 2000, p. 83 *apud* BRASILEIRO, Carolina da Fonseca Lima. *Arquitetura artituberculose em Pernambuco: Um estudo analítico dos dispensários de tuberculose do Recife (1950-1960) como instrumentos de profilaxia da peste branca*. 2012. 221f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Desenvolvimento Urbano, 2012.

⁴⁷ CARDOSO, Eleyson; BRITTO, Rubens da Silva. *A febre amarela no Pará*. Belém: SUDAM, 1973, p. 37.

sexo feminino. Nesse edifício só deviam permanecer os doentes e os enfermeiros, que ali se conservariam incommunicaveis durante o tratamento; só o medico teria nas enfermarias acesso franco, devendo mudar de fato e desinfectar-se após a visita, antes de deixar o estabelecimento. As portas de entrada e de saída eram diferentes, dando aos doentes entrada por um lado e saída pelo opposto. A roupa, os alimentos, medicamentos e tudo que podessem carecer os doentes deviam ser entregues por um postigo existente no corredor da entrada principal do edificio, segundo o plano primitivo. A directoria e o medico teriam alojamento fora das enfermarias nas immediacões, em edificios expressamente construídos para suas residências⁴⁸.

Figura 3: Planta do Hospital de Isolamento Domingos Freire



Fonte: Miranda e Abreu Jr., 2014, p. 4.

A disposição da planta, representa “os hospitais regidos pelo higienismo”⁴⁹, o Hospital-Sanatório apresentava espaço, forma e função, como trinômio essencial⁵⁰. O Hospital Domingos Freire estava em

⁴⁸ GODINHO, João. Hospital de isolamento. *Revista Pará-Médico*. Belém, dez. 1900, p. 39.

⁴⁹ COSTA, Alfredo Pereira. *O Hospital e sua evolução histórica*. Belém: Santa Casa do Pará, 2011, p. 57.

⁵⁰ BONINA, Maria João; GRILLO, Fernando. A arquitetura assistencial em Portugal no início do século XX: O Sanatório de Sant’Ana. In: MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato Gama-

consonância com os aspectos progressistas, notórios na escolha do terreno e na setorização de seus espaços, bem como, na linguagem expressa na fachada.

A fachada condizente com o “classicismo imperial brasileiro”, expressava o progresso e modernidade do estilo que o Brasil apresentará como forma inovadora na arquitetura, e que teria expressiva produção no país entre 1830 e início do século XX⁵¹. O mesmo será reproduzido não só em solo nacional, chegando a Portugal com a denominação de “classicismo à brasileira”, compondo os palacetes, escolas e hospitais portugueses⁵².

Essa produção arquitetônica:

sinalizou uma fase em que a arquitetura brasileira buscava satisfazer as necessidades das novas elites, com ideais liberais e calcada em atividades econômicas urbanas. O caráter simbólico desta arquitetura voltava-se para o espaço público, denotando uma aparência racional, austera, com emprego ponderado de ornamentos, os quais serviam para demarcar a volumetria pouco acentuada dos edifícios⁵³.

O estilo apresentava-se na fachada do edifício de um pavimento, composto por cinco partes, que o dividiam simetricamente, e o porão semienterrado era demarcado por uma cornija contínua que o delimitava. Essa disposição da fachada dividida em cinco módulos, está presente também no “Hospital Geral de Santo Antônio” situado na cidade do Porto,

Rosa. *Hospitais e Saúde no Oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2018, p. 223.

⁵¹ SOUSA, 1994, apud MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato Gama-Rosa. *Hospitais e Saúde no Oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2018, p. 223.

⁵² MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato Gama-Rosa. *Hospitais e Saúde no Oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2018, p. 223.

⁵³ MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato Gama-Rosa. *Hospitais e Saúde no Oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2018, p. 27.

marco da arquitetura neoclássica em Portugal. Presente em ambas edificações, via-se frontões, colunatas, pórticos, nas fachadas características do movimento⁵⁴.

Figura 4: Fachada do Hospital de Isolamento Domingos Freire



Fonte: Acervo Fundação Getúlio Vargas, s.d.

Além dos padrões modernos do “classicismo imperial brasileiro” no Sanatório Domingos Freire, a descrição da planta⁵⁵ nos mostra a simetria e a

⁵⁴ MIRANDA, Cybelle Salvador. Hospitais na Belém Oitocentista: classicismo e diálogo entre matrizes luso-brasileiras. In: MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato da Gama-Rosa. *Hospitais e Saúde no Oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2018, p. 223.

⁵⁵ GODINHO, João. Hospital de isolamento. *Revista Pará-Médico*. Belém, dez. 1900, p. 39.

disposição por sexos, comuns na tipologia sanatorial. A preocupação entre a separação de pacientes e funcionários também é notória, acompanhando os padrões vigentes⁵⁶.

A descrição da incomunicabilidade e a necessária desinfecção após o contato dos funcionários com enfermos demonstram a inquietação quanto ao contágio e a utilização da quarentena para segregar os inaptos. Característica comum às instituições totalizantes, que apresentavam caráter total caracterizado pela “barreira à relação social com o mundo externo e proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos”⁵⁷.

Os médicos perseguiram a sujidade, há um conceito de sujo e limpo nos hospitais de isolamento que é notório em toda sua composição, na localização do terreno em relação ao centro urbano e na disposição interna, se vê a colocação desses espaços no patamar de “lugares perigosos” a distribuição das esquadrias, a localização, a fachada, tudo, levava em consideração os preceitos higienistas. Evitar o contágio era o foco⁵⁸.

O Sanatório Domingos Freire era o marco do “bem orientado impulso dos (...) poderes públicos”⁵⁹ e representava tudo que a modernidade exigia de uma instituição totalizante⁶⁰. “Limp e sujo” eram demarcados desde os

⁵⁶ BITTENCOURT, Tania. *Arquitetura Sanatorial*. São Paulo: São José dos Campos, 1998, p. 177.

⁵⁷ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974, p. 16.

⁵⁸ VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo, uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 297.

⁵⁹ CARVALHO, Pontes de. Hospital de Isolamento: Domingos Freire. *Revista Pará-Médico*, nov. 1900, p. 13.

⁶⁰ Tomamos o conceito de instituição totalizante como os espaços caracterizados pela “barreira à relação social com o mundo externo e proibições à saída que muitas vezes estão

pórticos por onde os doentes entregavam seus pertences⁶¹, evitando contato direto entre sãos e moribundos, até a disposição dos leitos, próximo as esquadrias, nas enfermarias, que renovavam a circulação de ventos e permitiam a iluminação natural do ambiente de aglomeração, insalubre, “o lugar maligno”, que precisava ser “corrigido”⁶².

O Hospital como local de morte

No entanto, as propagandas favoráveis ao “bello edifício” não são capazes de encobrir os insucessos nos tratamentos dos pacientes, que rapidamente viram manchetes nas páginas dos jornais paraenses. A Folha do Norte em 14 de agosto de 1900 veicula a matéria intitulada “Verdades amargas”:

(...) do Hospital Domingos Freire, que é o isolamento reservado aos acometidos da fatal enfermidade, fornece-se á imprensa a lista dos poucos que conseguem a cura, mas para não tornar evidente entre a cifra da mortalidade e das curas, a somenos importância desta, calase propositalmente o número de recolhidos para não espantar o pobre estrangeiro recém-chegado⁶³.

O fato é que no ano de 1900, não existia vacina contra febre amarela, e os recursos terapêuticos eram escassos. Diante disso, desde a inauguração

incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos”. Ver em: GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974, p. 74.

⁶¹ GODINHO, João. Hospital de isolamento. *Revista Pará-Médico*. Belém, dez. 1900, p. 39.

⁶² VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo, uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 297.

⁶³ FOLHA DO NORTE. Verdades Amargas. *Folha do Norte*. Belém, 14 ago. 1900.

do Hospital Domingos Freire em 29 de abril à 31 de dezembro, 514 enfermos entraram na instituição. Desses, 193 foram à óbito, totalizando 37% dos pacientes. No ano de 1901, a movimentação do hospital totalizou 187 pacientes. Desses, 130 obtiveram alta e 57 faleceram. O fluxo diminuíra devido o surto de febre amarela cessar⁶⁴.

Por outro lado, cessado o surto de febre amarela, em 1902, a tuberculose avançou na sociedade paraense e o perigo de manter o atendimento dos físicos em um hospital geral, fez, em 1903, o governo adaptar o Hospital Domingos Freire para o tratamento dessa moléstia⁶⁵. A disseminação da epidemia entre os anos de 1904 e 1905 é considerável, devido ao crescimento demográfico e as péssimas condições de moradia da população. A falta de meios terapêuticos no período para tratamento também da tuberculose, piorava o quadro da saúde paraense⁶⁶.

As críticas voltaram a recair sobre o Hospital Domingos Freire e sobre a assistência ofertada pelo poder público. O jornal Folha do Norte, em 14 de janeiro de 1905 veicula uma matéria intitulada “os hospitaes de belem”, afirmando que a proximidade do Hospital São Sebastião, causava riscos aos físicos internados no sanatório:

Pelo facto de demorarem ambos os hospitaes no mesmo terreno, pérto um do outro, jamais de um caso de variola tem se dado nos doentes de bacillose pulmonar, constituindo outro serio perigo a remoção delles para o meio dos variolosos. Ainda se está em tempo de emendar a mão e fazer um melhor beneficio á população de Belém⁶⁷.

⁶⁴ CARDOSO, Eleyson; BRITTO, Rubens da Silva. *A febre amarela no Pará*. Belém: SUDAM, 1973.

⁶⁵ MONTENEGRO, Augusto. Mensagem dirigida ao congresso legislativo do Pará pelo Ex. Sr. Dr. Augusto Montenegro, governador do Estado. *Imprensa Oficial do Estado do Pará*. Belém, 10 de julho de 1902, p. 62.

⁶⁶ AMARAL, Alexandre Souza. *Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904 a 1911)*. Abril 2006. 282f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

⁶⁷ AMARAL, Alexandre Souza. *Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904 a 1911)*. Abril 2006. 282f. Dissertação (Mestrado em História Social da

Em resposta às críticas, a propaganda governista procura reforçar o serviço de assistência médica aos tuberculosos na instituição, ensejando reverter o quadro do não encaminhamento de pacientes ao Hospital Domingos Freire devido a veiculação de notícias na imprensa local que referem o grande número de óbitos da instituição e o contágio dos físicos pela varíola devido à proximidade do sanatório ao Hospital São Sebastião⁶⁸.

Como estratégia, o governo procura legitimar a ideia do necessário isolamento dos tuberculosos, reforçando um “sentimento de pavor” em relação a moléstia na sociedade paraense. Insistindo na “obrigação moral” de denúncias em caso de doenças contagiosas, veicula o “perigo social” que a tuberculose representava, expondo que a cura era a exceção, e o espaço assistencial servia apenas como leito, de cuidados ligados a boa alimentação, descanso, roupas limpas, aos doentes já condenados à morte:

(...)movimento do hospital Domingos Freire apenas pallida idéa vos dará dos estragos que a tuberculose esta fazendo entre nós. A leitura assídua do obtuario trans-ia a noção nitida do perigo social que é esse mal, e um sentimento de pavor se apoderaria de nós diante das victimas que ele produz.

O que o governo faz no hospital Domingos Freire significa somente um esforço apenas no sentido de chamar a atenção da população. Sem cujo concurso toda e qualquer lucta contra a tuberculose é inefficaz.

Os que se recolhem ao hospital Domingos Freire não são mais doentes, são condemnados à morte certa, que vêm encontrar na caridade do governo um simples allivio para os seus ultimos dias.

Os proprios que sahem melhorados, graças ao regimen da casa, são muitas vezes obrigados a voltar a ella, porque o mal, que por momentos parou em sua marcha devastadora, retoma alento por effeito das condições de vida social a que se dedica a quase

Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006, p. 154.

⁶⁸ AMARAL, Alexandre Souza. *Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904 a 1911)*. Abril 2006. 282f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

unanimidade dos que procuram o abrigo d'esse estabelecimento hospitalar⁶⁹.

A mensagem expõe a população como a tuberculose era devastadora, pois além da exposição negativa na imprensa sobre o tratamento aos tísicos no Sanatório Domingos Freire, a doença parecia não assustar os paraenses, como os casos esporádicos da peste, pois era de difícil diagnóstico e a morte ocorria de maneira lenta⁷⁰.

A “pallida idéa” dos estragos da tuberculose, veiculada pelo governador Augusto Montenegro, torna possível então discutir o significado da doença, a dimensão social do sanatório e os vestígios do sentimento de pavor perpetuado pela propaganda governista⁷¹. A dificuldade de reestabelecimento dos pacientes, os recursos terapêuticos escassos, a segregação involuntária, transmutam a imagem do espaço “majestoso” vangloriado em sua inauguração, em ambiente não de cura, mas de recolhimento, isolamento, antecâmara da morte, como notoriamente já é denominado anos depois pela população:

...defficiente e inhospito, sendo olhado pelos doentes com prevenção e horror. Pelo espírito arguto e mordaz do povo, chegou a ser cognominado de Ante-camara da morte. E se a tanto não chegára, attingiu, porém o extremo de obrigar as irmãs de caridade que alli consomem vida e saúde em proveito da humanidade, a

⁶⁹ MONTENEGRO, Augusto. Mensagem dirigida ao congresso legislativo do Pará pelo Ex. Sr. Dr. Augusto Montenegro, governador do Estado. *Imprensa Oficial do Estado do Pará*. Belém, 7 de setembro de 1905, p. 40.

⁷⁰ AMARAL, Alexandre Souza. *Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904 a 1911)*. Abril 2006. 282f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

⁷¹ AMARAL, Alexandre Souza. *Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904 a 1911)*. Abril 2006. 282f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

fazer xaropes de ervas plantadas nas redondezas, os quaes eram administrados aos doentes como única medida therapeutica⁷².

Diante do quadro de completo abandono do Domingos Freire e da epidemia de tuberculose que fazia mais vítimas a cada ano, foi aprovada a construção de um novo sanatório, o Sanatório de Belém. A obra teve início em 1939, no entanto, se estende por anos em meio a paralisações, sendo inaugurada com o nome de Sanatório Barros Barreto apenas vinte anos depois, em 1959, quando o Sanatório Domingos Freire já estava mais que obsoleto⁷³.

Demolido em 1960, apagado como rastro de um padrão hospitalar ultrapassado, sem sentido no novo modelo vigente, que além de proporcionar novos tratamentos à base de antibióticos, obscurecia os vestígios da instituição obsoleta, que deixa para trás apenas seu antigo portão de entrada como ruína e memória do espaço que nasce num esplendor majestoso e finda tomado de preconceito.

⁷² GARCIA FILHO, 1932 apud MIRANDA, Aristóteles Guilliod; ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. Hospital de Isolamento Domingos Freire. In: *III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva*, São Paulo, 2014, p. 7.

⁷³ MIRANDA, Aristóteles Guilliod; ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. O Sanatório de Belém: a epopeia – ou via sacra? – de sua construção. *Revista Pan-Amazônica de Saúde (Online)*, v. 2, 2016, p. 13-25.

Figura 5: Portão do Hospital de Isolamento Domingos Freire



Fonte: Autora, 2019.

Considerações finais:

Sempre me interrogo, será que o preconceito fica impregnado nas ruínas, pois hoje só o grande portal do Domingos Freire preserva-se em pé e, os mais jovens não experimentaram o que a geração na faixa do sessenta vivenciou. Parece que os espaços perigosos assombram sempre, talvez por isso o local e a proximidade com o Cemitério, ainda ativo, criado ao final do século XIX, reforce a crença nas visagens assombradas pelo sofrimento do “mal do século”, uma das muitas denominações da tuberculose⁷⁴.

O estigma de morredouro que se juntou ao Sanatório Domingos Freire por anos, deixou suas marcas vívidas na população paraense. O espaço que se ergueu sob os preceitos de modernidade, higienização, visto como meio fundamental de salvação da população doente do final do século XIX, mostra-se posteriormente como apenas um meio público de segregação, diante das impossibilidades de ação perante a tuberculose.

O alto percentual de óbitos, a ação propagandista de “espaço de morte certa”, leva do esplendor e investimento, ao abandono. “Faltavam alimentos e medicamentos, o material cirúrgico era obsoleto, não havia sala de operações”, os doentes internados”⁷⁵ que chegam vem morrer. Às vezes não duram vinte e quatro horas”, segundo relato de uma irmã da caridade que trabalhava na instituição em 1947.

Consolidando-se como obscuro, onde a memória não pretende habitar, o apagamento material foi o marco do silenciamento que, durante muitos anos, se tornou cenário habitual dos hospitais de isolamento, como os

⁷⁴ BELTRÃO, Jane 1982 apud MIRANDA, Cybelle Salvador. Memória da assistência à Saúde em Belém-PA: Arquitetura como documento. In: *I ENANPARQ Arquitetura e Saúde: história e patrimônio*, Rio de Janeiro, 2010, p. 20.

⁷⁵ FOLHA VESPERTINA, 1947 apud MIRANDA, Aristóteles Guilliod; ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. Hospital de Isolamento Domingos Freire. In: *III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva*, São Paulo, 2014, p. 8.

sanatórios. “Apagar os traços materiais”, simboliza a opção pelo esquecimento. Rememorar “a dor da exclusão e dos métodos já superados de tratamento”⁷⁶ não era opção.

Durante um longo período a história subterrânea silenciou as vozes que compuseram esses espaços. Permeando-os de “contos” na memória coletiva, reivindicam uma identidade comum⁷⁷. Para o Sanatório Domingos Freire, a identidade representa sua história negligenciada, perceptível no silêncio das fontes documentais em relação aos protagonistas do evento⁷⁸.

O subterrâneo, hoje, tem emergido por meio da valorização de estudos sobre os espaços de segregação, demonstrando o valor dos mesmos para compreensão da memória da cidade, da medicina e da arquitetura⁷⁹. A pesquisa dessas instituições, negligenciadas, necessita então de um trabalho que vá além dos documentos oficiais, estudando a memória como meio de entendimento desses ambientes:

(...) ouvir as vozes esquecidas, através dos pequenos indícios, das imagens apagadas na memória daqueles que vivem o espaço. Recolher os traços das atividades cotidianas serve para fazer ecoar esse passado da experiência coletiva, muito distante das coleções particulares organizadas nos museus, composta por fragmentos descontextualizados, iluminados feericamente pelo foco da história oficial⁸⁰.

⁷⁶ MIRANDA, Cybelle Salvador. Memória da assistência à Saúde em Belém-PA: Arquitetura como documento. In: *I ENANPARQ Arquitetura e Saúde: história e patrimônio*, Rio de Janeiro, 2010, p. 22.

⁷⁷ ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação formas e transformações da memória cultural*. São Paulo: Editora Unicamp, 2011, p. 456.

⁷⁸ BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará. Junho 1999*. 246f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1999.

⁷⁹ MIRANDA, Cybelle Salvador; GRILLO, Fernando Jorge Arthur; PINHO, Joana Maria Balsa Carvalho de. Classicismo nos hospitais da misericórdia e da beneficência na segunda metade do século XIX: trânsito entre Brasil e Portugal. *Artis on*, v. 1, 2015, p. 231-237.

⁸⁰ MIRANDA, Cybelle Salvador. Memória da assistência à Saúde em Belém-PA: Arquitetura como documento. In: *I ENANPARQ Arquitetura e Saúde: história e patrimônio*, Rio de Janeiro, 2010, p. 14.

Os relatos atuais, memórias do Sanatório Domingos Freire, nos trazem então perspectivas dos que ali permaneceram incomunicáveis:

o hospital era muito feio, era um hospital muito sujo, a gente até se sentia mal de entrar lá, não tem a higiene que tem aqui, que tinha aqui (...) ele ficava lá embaixo, distante mesmo do portão da Barão, aí os pacientes subiram pra cá, eles se davam demais com a gente, eram pouquinhos que vieram de lá (...) Falavam que era ruim lá, o tratamento lá, muito ruim, morria muita gente (...) pacientes fugiam mesmo. O tratamento era longo, não podiam sair, Deus o livre eles saírem, basta dizer que era hospital de isolamento, perigo né. A gente mesmo, não podia comer nada da mão do paciente, falar a um metro de distância com o paciente, não sentar no leito do paciente⁸¹.

O relato de Iolete, funcionária do Barros Barreto desde a inauguração, em 1959, a 2008, amplia o olhar sobre as vozes esquecidas. Os documentos oficiais que expressam a opinião pública, a imprensa local contestando a atuação e eficiência do sanatório, compõem relatos alheios a vivência diária da instituição. Referências como Iolete, trazem a perspectiva dos “protagonistas do evento”, a narrativa dos pacientes, não só segregados, como silenciados. Memória que traz circunstanciais compreensões sobre o tratamento de doenças-infectocontagiosas no Pará, não na visão científica, mas no olhar humano.

O Sanatório Domingos Freire se mostra, então, representativo e relevante, de grande valor documental, não só para a disciplina da arquitetura, principalmente hospitalar, mas também para compreensão do urbanismo sanitaria que se instala na “Paris n’América”, e os desdobramentos da modernização no assistencialismo, e posterior declínio da economia gomífera, que levam os discursos de esplendor às falas de

⁸¹Entrevista com Iolete Pereira de Souza, funcionária do Barros Barreto de 1959 a 2008.

horror. Cenário distante dos discursos jornalísticos, mas vívido no cotidiano dos silenciados.

Agradecimentos

A pesquisa que originou este artigo foi financiada com bolsa da CAPES, e contou com aprovação na Plataforma Brasil.

Referências Bibliográficas

ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. *O vírus e a cidade: rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918)*. 2018. 214f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

ARQUIVO DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Fachada do Hospital de Isolamento Domingos Freire. Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>. Acesso em: 20 abril 2020.

AMARAL, Alexandre Souza. *Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904 a 1911)*. Abril 2006. 282f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação formas e transformações da memória cultural*. São Paulo: Editora Unicamp, 2011, p. 456.

AUTORA. *Sanatório Domingos Freire: memória da exclusão e a criação de novos espaços urbanos na 1ª légua de Belém*. Março 2019. 157f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, 2019.

BRASILEIRO, Carolina da Fonseca Lima. *Arquitetura artituberculose em Pernambuco: Um estudo analítico dos dispensários de tuberculose do Recife (1950-1960) como instrumentos de profilaxia da peste branca*. 2012. 221f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Desenvolvimento Urbano, 2012.

BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará*. Junho 1999. 246f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1999.

BELTRÃO, Jane Felipe; MIRANDA, Cybelle Salvador; HENRIQUE, Márcio Couto. *Inventário Nacional do Patrimônio Cultural da Saúde: bens edificados e acervos – patrimônio de/ em saúde em Belém-Pará. Relatório final da pesquisa. Inédito*. Belém: Universidade Federal do Pará/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro: Fiocruz, CD-ROM, 2011.

BITTENCOURT, Tania. *Arquitetura Sanatorial*. São Paulo: São José dos Campos, 1998.

BÓGEA, Marta; ALMEIDA, Eneida. *Esquecer para preservar. Arqtextos*. Ano 08, dez. 2007.

- BONINA, Maria João; GRILLO, Fernando. A arquitetura assistencial em Portugal no início do século XX: O Sanatório de Sant'Ana. In: MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato Gama-Rosa. *Hospitais e Saúde no Oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2018, p. 223.
- CARDOSO, Eleyson; BRITTO, Rubens da Silva. *A febre amarela no Pará*. Belém: SUDAM, 1973.
- CARVALHO, Pontes de. Hospital de Isolamento: Domingos Freire. *Revista Pará-Médico*, nov. 1900, p. 14.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 288.
- COELHO, Geraldo Mártires. *No coração do povo. O monumento à República em Belém 1891-1897*. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 28.
- COSTA, Alfredo Pereira. *O Hospital e sua evolução histórica*. Belém: Santa Casa do Pará. 2011.
- COSTA, Magda Nazaré Pereira. *Caridade e saúde pública em tempos de epidemias: Belém, 1850-1890*. 2006. 103f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.
- FERREIRA, Carmena Fadul. *Produção do espaço urbano e degradação ambiental: Um estudo sobre a várzea do igarapé do Tucunduba*. 1995. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1995.
- FOLHA DO NORTE. Verdades Amargas. *Folha do Norte*. Belém, 14 ago. 1900, s.p.
- GODINHO, João. Hospital de isolamento. *Revista Pará-Médico*. Belém, dez. 1900, p. 39.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- HENRIQUE, Márcio Couto. Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.19, supl., Rio de Janeiro, dez. 2012, p.153-177.
- MIRANDA, Aristóteles Guilliod; ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. O Sanatório de Belém: a epopeia – ou via sacra? – de sua construção. *Revista Pan-Amazônica de Saúde (Online)*, v. 2, 2016, p. 13-25.
- MIRANDA, Aristóteles Guilliod; ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. Hospital de Isolamento Domingos Freire. In: *III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva*, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/html/Artigos/ST/ST-PCI-001-02_%20ABREU%20JR.MIRANDA.pdf. Acesso em: 3 jul. 2019.
- MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato da Gama-Rosa. Apresentação. In: MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato Gama-Rosa. *Hospitais e Saúde no Oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2018, p. 223.
- MIRANDA, Cybelle Salvador et al. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr.-jun. 2015, p.525-539.

- MIRANDA, Cybelle Salvador; GRILLO, Fernando Jorge Arthur; PINHO, Joana Maria Balsa Carvalho de. Classicismo nos hospitais da misericórdia e da beneficência na segunda metade do século XIX: trânsito entre Brasil e Portugal. *Artis on*, v. 1, 2015, p. 231-237.
- MIRANDA, Cybelle Salvador. Hospitais na Belém Oitocentista: classicismo e diálogo entre matrizes luso-brasileiras. In: MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato da Gama-Rosa. *Hospitais e Saúde no Oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2018.
- MIRANDA, Cybelle Salvador. Memória da assistência à Saúde em Belém-PA: Arquitetura como documento. In: *I ENANPARQ Arquitetura e Saúde: história e patrimônio*, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/bloglamemo/memria-da-assistncia-sade-em-belmpaarquitetura-como-documento>. Acesso em: 05 jul. 2019.
- MIRANDA, Cybelle Salvador; MONTEIRO, Maria Rocha. Arquitetura assistencial e saúde: discutindo concepções e protagonistas. In: *IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo*, Porto Alegre, 25 e 29 de junho 2016.
- MONTENEGRO, Augusto. Mensagem dirigida ao congresso legislativo do Pará pelo Ex. Sr. Dr. Augusto Montenegro, governador do Estado. *Imprensa Oficial do Estado do Pará*. Belém, 10 de julho de 1902, p. 62.
- MONTENEGRO, Augusto. Mensagem dirigida ao congresso legislativo do Pará pelo Ex. Sr. Dr. Augusto Montenegro, governador do Estado. *Imprensa Oficial do Estado do Pará*. Belém, 7 de setembro de 1905, p. 75.
- PENTEADO, Antônio Rocha. *Estudo de Geografia Urbana*. 1ª volume, Belém: UFPA, 1968.
- RAMOS, José Messiano Trindade. *Entre dois tempos: um estudo sobre o bairro do Guamá, a escola "Frei Daniel" e seu patrono*. Belém, [s.n]. 2002.
- REVISTA PARÁ-MÉDICO. Edifícios Sanitários em Belém. Hospital de Isolamento Domingos Freire. *Revista Pará-Médico*, abr. 1901, s.p.
- SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. *Memórias do "velho" intendente: Antonio Lemos, 1869-1973*. 5 nov. 1998. 304f. Tese (Doutorado em História Social do Trabalho). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.
- SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz. 1980, p. 358.
- TRINDADE JUNIOR, Saint Clair. *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém*. Belém: UFPA/NAEA/PLADES, 1997, p. 180.
- VIANNA, Arthur. *As epidemias no Pará*. 2 ed., Belém: UFPA, 1975, p. 157.
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo, uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 297.

Artigo recebido em 20/04/2020 e aprovado em 12/08/2020.